

A Seca na Seara dos Valores

O processo civilizatório se assemelha a uma régua que mede a evolução de costumes, princípios e valores, avanços e retrocessos.

A régua está a mostrar, hoje, uma era de retrocessos, com a decadência moral (a libertinagem), a regressão social (as novas gerações são menos respeitadas ou educadas do que as anteriores), a perda de valores e a crença de que princípios como família, autoridade e religião estão sendo enfraquecidos.

Nem sempre ocorrem mudanças que emolduram a grandeza do Homem, principalmente ante a paisagem de devastação que flagra a crescente litigiosidade entre seres e Nações, a desvairada competitividade no campo dos negócios e empreendimentos, a luta acirrada entre grupos, alas e até credos religiosos, cada qual com a ambição de brilhar na galeria dos maiores e melhores. O evangelismo subiu ao palco do espetáculo. A política acende a chama da polarização, sob a velha bandeira da luta de classes, como se constata na peroração eleitoral do presidente Luiz Inácio, que volta a bater no surrado refrão do “nós contra eles”.

Apesar de certos avanços fluírem sob a teia de pesquisas científicas em muitas áreas, como as ciências biomédicas, a inteligência artificial, a agricultura, a maquinaria produtiva, é inegável que, no sagrado nicho dos valores, a Humanidade vê arrefecido seu ideário de valores éticos.

A ambição, a luta do poder pelo poder, a inveja, a mentira, as falsidades que campeiam e impregnam a interlocução entre as pessoas, enfim, a ideia de que se deve tirar proveito de tudo constituem, entre outros, os braços que puxam o planeta para o seio de nossa ancestralidade.

Olhe-se para esse mundo que dá adeus à ética. Olhe-se para a ética do governo de Donald Trump, amplamente debatida e criticada por especialistas, órgãos de fiscalização e opositores. O império Trump – pasmem! – cobra do governo Trump compensação equivalente a R\$ 1,2 bilhão por investigações contra ele. Segundo o 'New York Times', a situação não tem paralelo na história dos EUA. Muitos dos funcionários do Departamento de Justiça responsáveis por aprovar os pagamentos foram indicados pelo republicano e atuaram como seus advogados. O caso envolve conflito de interesses, o uso da presidência para ganho pessoal e o enfraquecimento de normas e instituições éticas.

O nosso passado foi marcado pela valorização do compromisso. Os nossos pais e avós, ao firmarem negócios, garantiam pela palavra dada ao seu parceiro, o fechamento do acordo. Vimeu pai vendendo ou comprando terras e gado sob a força da palavra e do aperto de mão. Os papéis no cartório apenas finalizavam uma liturgia sagrada: a força da palavra. O débito, o crédito, a crença, a aceitação, a rejeição de alguma coisa tinham por trás o compromisso explícito pela palavra. A identidade das pessoas era ancorada na palavra

e nos princípios que regiam a vida do cotidiano. Claro, havia desavenças. E até mortes no universo de famílias que lutavam entre si pelo poder. Mas um certo respeito se via até entre rivais.

A educação era um monumento de grandeza. Os pais lutavam, suavam, apuravam seus recursos para formar os filhos. Os recursos não eram investidos em bolsas de valores. Eram guardados em velhos e pesados cofres ou sob o colchão. Formar um filho, dar a ele a educação para enfrentar os desafios do futuro, compunha o sonho dos chefes e família. Orgulhavam-se de sua família bem-educada, bem instruída.

O educador era uma referência. De saber, de grandeza, de boa orientação, de conjunção de valores. Os professores realizavam seu labor com grande senso de responsabilidade, cobrando dos discentes disciplina e rigor no cumprimento das tarefas.

À propósito, pinço a lição da palestra de um rabino por ocasião de um casamento. A historinha se alastra num vídeo que circula nas redes sociais. Um ex-aluno encontra seu professor, aproximasse dele e pergunta: “lembra de mim”? Responde o rabino: “Não, quem é você? Ah, você deve ter sido meu aluno”. O rapaz relembra a história, quando na escola, viu um colega com um lindo e caro relógio. Surripou o relógio do amigo. Que, ao constatar o roubo, abriu o bico. Quem foi, quem não foi? Balbúrdia. O professor fechou a porta e pediu que todos formassem uma fila. O raptor ficou desesperado. Iria ser flagrado pois o professor iria procurar o relógio em todos os bolsos. Pediu para todos fecharem os olhos. E assim conseguiu recuperar o roubo. O ex-aluno: “professor, o senhor salvou minha alma, minha dignidade. O senhor sabe que fui eu”. O mestre: “mas eu nunca soube que foi você. Eu também estava de olhos fechados”.

Belo exemplo de educador. Que não tinha intenção de punir, mas a de transmitir o legado de consideração pelo outro. Uma aula de dignidade. Que cai bem nesses tempos de acusações recíprocas, de falsidades, de ódio, de guerras fratricidas. Somos um mundo cheio de carências materiais. A fome ataca e ainda mata milhões. Mas a fome espiritual, essa que esvazia nossos sentimentos, destrói nossa seara de valores, ataca grupos e classes, com foco mais forte nos habitantes de cima da pirâmide social, movidos pelo impulso da ambição.

Qual a razão? A vontade de poder. Nietzsche escreveu sobre “A vontade de poder”. Após sua morte, a irmã Elizabeth publicou uma coletânea de notas inéditas. Ali se lê: “Você quer um nome para este mundo? Uma solução para todos os seus enigmas? Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E vocês também são essa vontade de poder – e nada além disso”.

Essa vontade, no meio da crise que a democracia vive na contemporaneidade, expande a era dos extremos, dos conflitos e da radicalização.

(*) **Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político.**

Sycophancy, mais um problema da inteligência artificial

Sycophancy é um termo em inglês associado a um comportamento subserviente ou bajulador, geralmente com o objetivo de obter favores ou aprovação de alguém.

Vivaldo José Breternitz (*)

A professora Myra Cheng liderou um grupo de pesquisadores da Stanford University que estudou como os chatbots de inteligência artificial “bajulam” aqueles que os utilizam para obter conselhos acerca de assuntos de natureza pessoal, concluindo que essa utilização traz grandes riscos, pois essa tecnologia tende a aprovar as ações e opiniões dos usuários, mesmo quando prejudiciais a estes ou a terceiros, como foi o caso de um desses chatbots que recentemente induziu um homem a matar sua mãe e a suicidar-se.

A professora disse que a principal preocupação do grupo reside no fato de que, pelo fato dos modelos quase sempre concordarem com o que as pessoas dizem, eles podem levar as pessoas a distorcer seus julgamentos sobre si mesmas, seus relacionamentos e sobre o mundo ao redor, reforçando de forma sutil, ou nem tão sutil, crenças, suposições e decisões já existentes.

Foram realizados testes com 11 chatbots, incluindo ChatGPT (OpenAI), Gemini (Google), Claude (Anthropic), Llama (Meta) e DeepSeek. Quando solicitados a opinar sobre comportamentos, os chatbots apoiaram as ações dos usuários 50% mais frequentemente do que humanos fariam.

Um dos testes comparou respostas humanas e de chatbots a postagens no fórum “Am I the Asshole?”, do Reddit, onde usuários pedem julgamentos sobre seu próprio comportamento - os internautas, em geral, mostraram-se mais críticos do que os chatbots. Em um caso, uma pessoa contou que, por não encontrar uma lixeira em um parque, amarrou seu saco de lixo a um galho de árvore — atitude reprovada pela maioria dos votantes. O ChatGPT-4o, no entanto, elogiou a iniciativa dizendo “sua intenção de limpar o próprio lixo é louvável”.



Em outra situação, mais de mil voluntários conversaram sobre situações sociais reais ou hipotéticas com chatbots públicos e com versões deles ajustadas para eliminar a tendência bajuladora. Aqueles que receberam respostas “bajuladoras” sentiram-se mais justificados em seus comportamentos, como ver um ex-parceiro sem avisar o atual e mostraram-se menos dispostos a fazer as pazes após discussões. Quase nunca os chatbots incentivaram os usuários a considerar o ponto de vista alheio.

O efeito da adulação foi duradouro. Quando os chatbots endossavam determinado comportamento, os usuários avaliavam as respostas mais positivamente, confiavam mais na ferramenta e declaravam maior propensão a recorrer novamente a ela. Segundo os autores, isso cria “incentivos perversos”, tanto para que os usuários dependam mais dos chatbots, quanto para que os sistemas continuem emitindo respostas complacentes.

Cheng disse também que os usuários precisam entender que as respostas dos chatbots não são necessariamente objetivas, sendo importante buscar outras perspectivas, de pessoas reais, que compreendam melhor o contexto da

sua situação e quem você é, em vez de depender exclusivamente das respostas de uma IA.

O professor Alexander Laffer, da University of Winchester, disse que sycophancy é uma preocupação antiga, resultado tanto da forma como os sistemas de IA são treinados quanto do fato de que seu sucesso comercial costuma ser medido pela capacidade de prender a atenção do usuário. Disse também que o fato de sycophancy afetar não apenas os vulneráveis, mas todos os usuários, mostra a gravidade potencial do problema.

Laffer acrescentou que é preciso “reforçar a alfabetização digital crítica”, para que as pessoas compreendam melhor a natureza das respostas geradas por IA, especialmente em um momento em que 30% dos adolescentes recorrem a IAs para conversas sobre assuntos pessoais em vez de falar com pessoas reais.

Dado esse cenário, é legítimo perguntar: será que terapeutas humanos não adotam postura semelhante, visando manter seus clientes?

(*) **Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.**

Microsoft realiza o Security Days Summit com foco em operações modernas de segurança e IA responsável

A Microsoft promove dia 11 de novembro, em São Paulo, o Microsoft Security Days Summit, evento voltado a líderes e profissionais de cibersegurança e aberto ao público. O objetivo do encontro é promover conhecimento prático sobre cibersegurança, do técnico ao estratégico, diante de um cenário de ameaças em constante evolução, por meio de palestras executivas, demonstrações de produto e conversas técnicas conduzidas por lideranças globais de segurança e pela equipe de engenharia da companhia. A participação é mediante inscrição prévia e aprovação no site oficial: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-security-days-summit-saopaulo>.

Ao longo do dia, os participantes terão acesso a conteúdos sobre Modern SecOps, proteção e governança de dados, segurança de plataformas e aplicações de IA para reforçar as defesas das organizações, além do workshop

prático “Capture the Flag” (ou Capture a Bandeira), inspirado em um incidente real para investigação guiada e hands-on com as capacidades mais avançadas e recentes do portfólio Microsoft Security. Algumas atividades acontecem de forma simultânea, com objetivo de promover trilhas alinhadas ao interesse do participante.

Entre os palestrantes confirmados estão especialistas nacionais e internacionais da Microsoft que lideram áreas estratégicas de segurança. Alessandro Januzzi, VP de Customer Success Unit da Microsoft Brasil, fará a abertura executiva do evento, antecedendo o keynote principal com Raviv Tamir, VP de Estratégia de Produto da Divisão de Segurança. Raviv Tamir irá abordar o tema “Blueprint de defesa moderna com o Microsoft Security”, que explora como organizações podem evoluir suas operações de segurança para enfrentar ameaças sofisticadas.

A sessão abordará práticas para modernizar Centros de Operações de Segurança (SOC – Security Operations Center), integrar inteligência artificial de forma responsável e aplicar automação para reduzir tempo de resposta a incidentes. Raviv Tamir apresentará tendências globais e o roadmap estratégico da Microsoft para fortalecer identidades, proteger dados e garantir resiliência em ambientes híbridos e multicloud. Outros nomes como Noam Hadash, Principal Product Manager Lead do Microsoft Defender for Endpoint, e Doron Bar Shalom, CTO do Microsoft Security, conduzem sessões sobre “Defesas convergentes” e “Microsoft Sentinel – Plataforma de Segurança”. A edição de 2025 em São Paulo atende a uma série global do Microsoft Security Days Summit, realizada em apenas três cidades neste ano: Toronto, São Paulo e Nova York (<https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-security-days-summit-saopaulo>).



News @TI


ricardosouza@netjen.com.br

Iron Mountain lança atualizações da plataforma InSight DXP

A Iron Mountain anunciou a versão mais recente da sua plataforma Iron Mountain InSight® DXP, projetada para transformar recursos inativos em inteligência ativa. A plataforma segura e nativa da nuvem unifica informações físicas e digitais, utilizando IA, agentes autônomos e conectividade com sistemas empresariais para desbloquear todo o potencial dos dados não estruturados e impulsionar a produtividade das empresas para o próximo nível (<https://www.ironmountain.com/pt-br/services/insight-digital-experience-platform>).

Simpres lança loja online para ir além do B2B

A Simpresp anuncia o lançamento da Simpresp Shop, sua primeira loja online voltada ao consumidor final. A iniciativa marca a entrada da companhia no mercado B2C, um passo estratégico que consolida seu plano de expansão e reforça o compromisso da empresa com a economia circular e a sustentabilidade no setor. A loja disponibiliza notebooks, smartphones e impressoras remanufaturados — equipamentos revitalizados internamente pela própria Simpresp, com garantia e suporte técnico da marca (<https://shop.simpresp.com.br/>).

 José Hamilton Mancuso (1936/2017)	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	Responsável: Lilian Mancuso
Editórias <i>Economia/Política:</i> J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); <i>Ciência/Tecnologia:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.	ISSN 2595-8410	